

# Elizabeth Bishop – Canção do tempo das chuvas

Oculto, oculto,  
na névoa, na nuvem,  
a casa que é nossa,  
sob a rocha magnética,  
exposta a chuva e arco-íris,  
onde pousam corujas  
e brotam bromélias  
negras de sangue, líquens  
e a felpa das cascatas,  
vizinhas, íntimas.

Numa obscura era  
de água  
o riacho canta de dentro  
da caixa torácica  
das samambaias gigantes;  
por entre a mata grossa  
o vapor sobe, sem esforço,  
e vira para trás, e envolve  
rocha e casa  
numa nuvem só nossa.

À noite, no telhado,  
gotas cegas escorrem,  
e a coruja canta sua copla  
e nos prova  
que sabe contar:  
cinco vezes – sempre cinco –  
bate o pé e decola  
atrás das rãs gordas, que  
coaxam de amor  
em plena cópula.

Casa, casa aberta  
para o orvalho branco  
e a alvorada cor  
de leite, doce à vista;  
para o convívio franco  
com lesma, traça,  
camundongo  
e mariposas grandes;  
com uma parede para o mapa  
ignorante do bolor;

escurecida e manchada  
pelo toque cálido  
e morno do hálito,  
maculada, querida,  
alegra-te! Que em outra era  
tudo será diferente.

(Ah, diferença que mata,  
ou intimida, boa parte  
da nossa mínima, humilde  
vida!) Sem água

a grande rocha ficará  
desmagnetizada, nua  
de arco-íris e chuva,  
e o ar que acaricia  
e a neblina  
desaparecerão;  
as corujas irão embora,  
e todas as cascatas  
hão de murchar ao sol  
do eterno verão.

**Elizabeth Bishop – Questões de viagem**